

Testemunho de Maternidade Pastoral

Dra. Zilda Arns Neumann

In: Dra. Zilda - vida plena para todas as crianças
Museu da Vida, Curitiba, 2014, pág. 89-91;92-93; 149-150

A Pastoral da Criança

Esta é uma história de muito amor, garra, ações concretas, dificuldades e esperanças. Uma missão de fé e vida. Tudo começou em 1982, numa reunião sobre a paz mundial, da Organização das Nações Unidas (ONU). O então diretor executivo do UNICEF, Sr. James Grant, convenceu meu irmão, Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal arcebispo de São Paulo naquela época, de que a Igreja poderia ajudar a salvar a vida de milhares de crianças que morriam pela desnutrição, se ensinasse às mães a preparar o soro oral.

Voltando ao Brasil, Dom Paulo me telefonou falando sobre essa ideia e perguntou-me se eu aceitaria pensar como isso poderia se tornar realidade... eu era viúva há cinco anos, meus cinco filhos já estavam crescidos...

Tínhamos o hábito de fazer vitamina todas as noites, os cinco filhos à minha volta, na cozinha; procurava estar ao lado deles em todos os momentos possíveis. Aquela noite, que sucedeu ao telefonema de Dom Paulo, foi muito especial. Lembro-me do que lhes disse: "Hoje, a mãe vai fazer um café preto para não ter sono, para refletir e elaborar um plano sobre como a Igreja poderá salvar milhões de crianças do mundo, com trabalho feito na comunidade". Mostraram-se interessados e foram dormir. Eu me concentrei... e rezei para o Espírito Santo me inspirar. Pensava como começar um trabalho para atender tanta gente. Esse trabalho feito pela Igreja deveria ser altamente replicável, barato, atraente e impulsionado pelo amor fraterno.

Busquei lembranças de minha experiência em Forquilha... refleti também sobre minha experiência como pediatra... Qual a metodologia a ser adotada para fazer com que cada mãe aprendesse coisas simples, que prevenissem a morte e fossem importantes para o desenvolvimento de seus filhos?

As ações básicas de saúde e nutrição, eu as tinha todas na cabeça, mas como fazer para que chegassem às famílias pobres? Sendo um trabalho de Igreja, deveria ter um verdadeiro espírito missionário, de amor ardente que não espera, mas que vai ao encontro daqueles que mais precisam. Eu conhecera bem, nesses 27 anos de dedicação profissional, os problemas das ovelhas sem pastor, as mais desgarradas – a exclusão social.

A multiplicação dos pães

Surgiu-me a ideia de seguir a metodologia que Jesus aplicou no episódio do milagre da multiplicação de cinco pães e dois peixes, que saciaram a fome de 5 mil homens, como narra o Evangelho de João. Os discípulos disseram ao Mestre Jesus Cristo: "É melhor que o povo se vá, porque está chegando a noite e estão com fome". Ele disse: "Dai-lhes vós mesmos de comer" [...] (Jo 6,11-15)

Adaptei essa metodologia do milagre ao projeto, ao organizar as comunidades e identificar líderes que, capacitados e com espírito de fraternidade cristã, multiplicavam o saber e a generosidade nas famílias vizinhas. "Dai-lhes vós mesmos de comer", não esperem sempre

pelos outros, pelo governo. Muitos problemas poderiam ser resolvidos pelas próprias mães. Mas eu me questionava, ainda: “Como líderes analfabetos poderiam salvar vidas, tendo o Sistema de Saúde como referência?” Quantas doenças poderiam ser prevenidas pela informação e pelo apoio fraterno de líderes comunitários! Tinha certeza de que não existia nada que promovesse mais a inclusão social do que a democratização do saber e da solidariedade. Eu havia atendido, como pediatra, tantas mães analfabetas e elas aprendiam a cuidar de seus filhos. Perguntava-me: “Como líderes analfabetos poderiam ser estimulados a multiplicar o saber?” Tinha certeza de que, com a graça de Deus, a gente se disporia a achar os caminhos. As lideranças, num processo de evangelização e de promoção continuada, seriam abençoadas e fariam o milagre da multiplicação do saber e da própria solidariedade humana.

Tinha certeza de que reduziria a mortalidade infantil, a desnutrição e a violência familiar com a educação das mães e das famílias. Lembrava-me de que, quando atendia no ambulatório do Hospital Cesar Pernetta, as mães diziam: “A senhora explica bem”. Sentia seus olhos e ouvidos atentos e emocionados, porque, quase sempre, era a primeira vez que alguém lhes ensinava a cuidar dos filhos.

A experiência da Pastoral

“A experiência da Pastoral da Criança demonstra que a solução dos problemas sociais depende da valorização do tecido social, do potencial humano de cada pessoa e do potencial de comunidade organizada com esses objetivos e de políticas públicas voltadas para os mais necessitados. É uma tarefa que deve ser compartilhada entre governo, empresários e sociedade civil. Por isso, as parcerias entre elas são de fundamental importância na busca da realização de um trabalho eficaz que realmente chegue às famílias e às comunidades.

O grande benefício trazido por esse singelo programa não é só a redução da mortalidade infantil e da desnutrição. A sociedade ganha também com a melhoria da qualidade de vida, redução da violência, geração de empregos, alfabetização de jovens e adultos e mobilização comunitária.

Muitas pessoas me perguntam qual é o segredo da Pastoral da Criança, como mobilizar e manter acesa a chama da solidariedade desses milhões de voluntários em todo o Brasil. O maior segredo é trabalhar com amor naquilo em que se acredita, sabendo onde se quer chegar e como trabalhar. Nossos líderes comunitários são pessoas que vivem nos bolsões de pobreza em que a Pastoral está organizada. São pessoas simples, mas de coração imenso; são verdadeiros doutores em cidadania que aprendem as ações básicas de saúde, nutrição e educação e assumem o compromisso de multiplicar o saber, de acompanhar e orientar as famílias vizinhas. São elas que fazem a transformação social e, certamente, são as pedras angulares para a melhoria das condições sociais do país.

A construção de um mundo justo e fraterno depende, em primeiro lugar, de cada um de nós e de nossas atitudes; por isso se torna tão importante a valorização do Terceiro Setor para a construção da justiça e da paz.

O fato mais importante nessa compreensão, porém, é entender que a solução dos problemas não está reduzida à questão econômica, mas também se relaciona fortemente com a recuperação do tecido social. É preciso um trabalho de fortalecimento da qualidade humana das pessoas, o que começa antes de nascer. Neste mundo globalizado da economia, é urgente revalorizar as relações humanas e sociais, a criação de um nova ética de convivência humana,

em que a solidariedade e as corresponsabilidade social cuidem prioritariamente das crianças, em seu contexto familiar e comunitário.”